

**Tudo  
o que eu  
deveria  
ter  
dito**



AMOR

AMOSTRA

# Tudo o que eu deveria ter dito



max  
monroe

Tradução de **Sara Orofino**



**ALTA BOOKS**

GRUPO EDITORIAL

Rio de Janeiro, 2025

# Tudo o que Eu Deveria Ter Dito

Copyright © 2025 ALTA NOVEL

ALTA NOVEL é um selo da EDITORA ALTA BOOKS do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2024 MAX MONROE

ISBN: 978-85-508-2525-0

*Translated from original What I Should've Said. Copyright © 2024 by Max Monroe. ISBN 9798989524242. This translation is published and sold by arrangement with Man Monroe LLC, the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2025 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.*

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

**ATENÇÃO: esta obra aborda diversos temas sensíveis.  
Para mais detalhes, verifique a página vi.**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

M753t  
1.ed. Monroe, Max  
Tudo o que eu deveria ter dito / Max Monroe ;  
tradução Sara Orofino. - 1.ed. - Rio de Janeiro :  
Alta Books, 2025.  
320 p. ; 13,5 x 21 cm.  
Título original: What I should've said.  
ISBN 978-85-508-2525-0  
1. Romance norte-americano. I. Orofino, Sara.  
II. Título.  
02-2025/118 CDD 813.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura norte-americana 813.5

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

**Produção Editorial:** Grupo Editorial Alta Books

**Diretor Editorial:** Anderson Vieira

**Vendas Governamentais:** Cristiane Mutus

**Gerência Comercial:** Claudio Lima

**Coordenadora Editorial:** Illysbelle Trajano

**Produtora Editorial:** Beatriz de Assis

**Tradução:** Sara Orofino

**Copidesque:** Mariana Naimé

**Revisão:** Luiza Thomas

**Diagramação:** Rita Motta

  
**ALTA BOOKS**  
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels: (21) 3278-8069 / 3278-8419

[www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) – [altabooks@altabooks.com.br](mailto:altabooks@altabooks.com.br)

**Ouvidoria:** [ouvidoria@altabooks.com.br](mailto:ouvidoria@altabooks.com.br)

 **albr**  
ASSOCIADOS

Editora  
afiliada à:

 **CFL**  
Câmara  
Federal  
de Letras



## NOTA DAS AUTORAS

Uau! Por onde começamos?

Durante dias, tentamos escrever uma nota que fizesse jus a este livro, mas sempre acabávamos de mãos vazias.

***Tudo o que eu deveria ter dito*** mudou nossas vidas.

Roubou uma parte de nossos corações que nunca conseguiremos recuperar — e nem queremos.

Não temos palavras para contar a vocês o quanto nos sentimos honradas de ter tido a experiência de criar esta história, de conhecer estas personagens como se fossem sangue do nosso sangue.

Cuidem bem delas, está bem?

Com todo o amor,

Max & Monroe

**Observação:** *Tudo o que eu deveria ter dito* é um romance único e completo. E, por mais que ele tenha o humor e as peculiaridades de Max Monroe que vocês já conhecem e adoram, esta é uma história profunda e comovente, que irá mexer com o seu coração de uma maneira única. O verão nunca mais será o mesmo.

**Observação extra:** este livro contém temas sensíveis.



**Alerta de conteúdo**

Esta obra contém temas sensíveis, como infanticídio, violência doméstica, aborto forçado, prostituição de menores, abandono parental por capacitismo, doença terminal e luto, além de conteúdo sexual explícito (incluindo sexo sem proteção e consentimento dúbio devido à embriaguez).

Aos óculos escuros cor-de-rosa em formato de coração.  
À calidez de um verão eterno.  
À maneira como este livro mudou nossas vidas.

AMOSTRA



## PRÓLOGO

*Domingo, 25 de julho*

**NORAH**

*A noiva não conseguia se lembrar do rosto de seu futuro marido, nem por que ia se casar com ele para começo de conversa.*

Encaro meu reflexo no espelho do banheiro, desejando me lembrar dos contornos do sorriso de Thomas, mas tudo o que vejo são palavras pretas em uma página cinza — um artigo do *New York Times* que li uma vez e que comparava dois tipos de pessoas: aquelas que se lembram de rostos e aquelas que se lembram de nomes.

Por mais que tente, não consigo recordar o que esse estudo provou ou o que significava ser um tipo ou o outro, só sei que a premissa do artigo tinha tudo a ver comigo.

*Sempre fui a pessoa que se lembrava de rostos.*

A cor dos olhos, o formato do nariz, a curva de um sorriso — até mesmo uma covinha minúscula escondida no queixo de alguém. Vejo tudo com clareza, os detalhes impressos na parte macia do meu cérebro.

Mas nomes? Nunca consigo me lembrar deles. Durante seis meses, pensei que o nome da minha vizinha de queixo redondo fosse Sally, mas, na verdade, era Margaret. Por outro lado, a cachorra dela se chama Sally e é uma Jack Russell Terrier, com o pelo branco arrepiado e um focinho arrebitado e esnobe. Não me pergunte como descobri isso — ver Margaret e Sally

fugindo de mim toda vez que me deparo com elas já é traumático o suficiente.

Hoje, porém, justo no dia do meu casamento, deu um *bug* no meu sistema, e não consigo me lembrar das feições do homem com quem deveria me casar.

Tento imaginá-lo, mas tudo o que vejo é a imagem borrada e embaçada de um homem com um cabelo bonito.

Thomas, meu noivo, de fato tem um cabelo bonito. Mas também tem um rosto. Um que já vi várias vezes, e ainda assim, por mais que tente, não consigo me lembrar.

Meu reflexo no espelho do banheiro mostra manchas vermelhas cobrindo meu peito, e meu coração parece que subiu até a garganta e está fazendo polichinelos. Molho um papel-toalha com água gelada para tentar diminuir a irritação na pele, mas não adianta porque, dentro de mim, sinto uma tempestade se aproximando. Meu corpo está em alerta máximo, gritando para buscar refúgio em outro lugar. *Qualquer* lugar.

***Espero que a verdade liberte você.***

Meus olhos disparam pela pia do banheiro e param no envelope feito de papel-manilha. A letra no topo é feminina e delicada, o completo oposto da bomba catastrófica da verdade guardada ali dentro.

Hoje, quando entrei pelas portas gigantescas da Catedral de St. Patrick, jornalistas e fotógrafos da Page Six já estavam ali, registrando a minha chegada e me desejando felicidades antecipadas.

Eles não esperam que alguém desista de se casar com uma pessoa tão *importante* quanto Thomas. E, por mais que agora não consiga me lembrar do que exatamente gosto nele, eu também não esperava.

Esta catedral, o lugar onde deveria me casar, é um símbolo de Nova York. A Mariah Carey se casou aqui nos anos 1990, e o prédio fica bem no meio do Rockefeller Center e da Saks na Quinta Avenida. O lugar exala rios de dinheiro, sonhos incríveis e uma chance única de felicidade para uma garota de uma cidadezinha minúscula em Vermont.

Mas o conteúdo daquele envelope comprova que é tudo uma cortina de fumaça para esconder a verdade suja e terrível.

Porque, neste momento, eu não apenas esqueci o rosto do meu noivo, como também não sei *quem* ele é.

— Parece que toda a sua vida é uma mentira — murmurei para mim mesma, apoiando as mãos nas quinas da pia de porcelana.

No espelho, meu rosto idiota de noiva me encara de volta. Meu cabelo castanho-claro, naturalmente encaracolado, está preso em um *chignon* perfeito, e a maquiagem é uma combinação elegante de tons neutros e cor-de-rosa claro que realça minhas feições — tudo graças ao time de beleza que minha mãe contratou.

Apesar da irritação na pele, minha aparência está boa. Estou até bonita. Mas alguém cutucou o interior do meu peito com ferro quente, e a ferida é tão dolorosa que eu deveria estar me debulhando em lágrimas incontroláveis. Em vez disso, não consigo sentir nada. É o tipo de dormência que uma mulher em trabalho de parto espera sentir com a epidural enquanto um bebê do tamanho de uma bola de boliche tenta escapar do seu útero.

Contando com a minha mãe, o meu padrasto, Thomas e os convidados da família dele, há trezentas pessoas aqui para testemunhar eu me comprometendo com apenas um homem pelo resto da minha vida. E, em vez de estar toda animada me preparando para subir ao altar, estou encarando um envelope.

Deveria ter havido sinais. *Eu deveria saber*. Mas não sabia, e agora estava ali, com centenas de pessoas esperando e sem conseguir parar de ver o rosto dela. Ou a maneira como suas mãos tremiam ao me entregar o envelope.

Com as palmas suadas, passo as mãos pela frente do vestido de vinte mil dólares que o estilista favorito da minha mãe fez para mim. Ele me faz lembrar do dia em que fui com ela e com a mãe de Thomas conversar com o estilista. Fiquei sentada em silêncio enquanto elas decidiam todos os detalhes.

*Esta é a história da minha vida.*

Aos 26 anos, tenho uma coluna feita de borracha, pronta para me curvar à vontade de qualquer um. O vestido, o local, a lista de convidados — todos aqueles detalhes que a noiva costuma decidir, sabe? —, foi tudo escolhido por outra pessoa.

E, para ser sincera comigo mesma, o noivo também.

Thomas foi nascido e criado com *dinheiro de verdade*. Influente. Poderoso. Ele é o tipo de homem que minha mãe sempre idealizou, e como uma ingênua, desejando a aprovação dela, concordei.

Baixo o olhar para o envelope mais uma vez, depois volto a me encarar no espelho. Penso no ensaio da noite anterior e nos votos que o padre nos pediu para recitar.

— *Norah, você aceita este homem como seu esposo para o resto da sua vida?*

*O resto da sua vida.* Essas palavras se destacam como um pênis em um par de calças de moletom cinza, e nem são as palavras certas. As palavras certas seriam mais parecidas com: *you promise to ignore completely the truth and dance according to the music in life that your mother and Thomas want you to live?*

Fecho os olhos e respiro fundo, mas quando os abro de novo, o espelho pode muito bem pertencer a uma daquelas casas de circo, esmagando, retorcendo e transformando meu rosto de um jeito cômico em todos os tipos de expressões horrorosas.

Eu não pareço uma noiva tímida. Pareço uma mulher cujo mundo inteiro acabou de se estilhaçar com uma única frase: ***espero que a verdade liberte você.***

Pego depressa o envelope, minha bolsinha de noiva e o tecido sobressalente do meu véu, e saio do banheiro sem olhar para trás.

Quando não encontro ninguém esperando por mim no corredor, tomo a minha decisão.

*A futura noiva não conseguia se lembrar do rosto do noivo... então ela fugiu.*



# 01



*Sábado, 31 de julho*

## NORAH

Algumas pessoas dizem que a melhor maneira de recomeçar é mergulhar de cabeça.

Essas pessoas, porém, provavelmente não estão com o emocional igual a uma parede de tijolos, como eu.

O motor vibra conforme a motorista pisa no freio, fazendo o enorme ônibus da Greyhound parar de um jeito nada suave.

— Ponte Vermelha! — grita ela por cima do ombro, a voz tão rouca que imagino fumaça espiralando por entre seus lábios abertos. Com uma das mãos, ela segura com firmeza a alavanca à direita e escancara a porta do ônibus com um estrondo.

Levanto com um salto do meu lugar e recolho minhas coisas o mais rápido possível.

Depois de ficar imprensada nesta lata de metal velha pelas últimas nove horas, com apenas uns poucos intervalos de quinze minutos em postos de gasolina para que a motorista pudesse revezar entre fumar compulsivamente e encher o tanque — às vezes fazendo perigosamente os dois ao mesmo tempo —, estou mais do que pronta para dar o fora daqui.

Ajeito minha mochila sobre o ombro e lanço um olhar pela janela, mas paro assim que percebo a ponte grande e amarela a distância.

— Última chamada para Ponte Vermelha! — grita a motorista, o cabelo loiro cinzento e curto esvoaçando de um lado para o outro conforme ela se mexe.

— Hã... Tem certeza de que aqui é Ponte Vermelha? — grito na direção dela, avançando com cuidado pelo corredor. A motorista me encara pelo retrovisor.

— Ah, não, querida, você está certa. Eu dirijo por esta mesma rota há mais de vinte anos e faço questão de não seguir a linha do ônibus. Acho o máximo deixar as pessoas nos pontos errados.

— Não estou duvidando das suas habilidades de motorista, que são excelentes, por falar nisso. Foi fantástico, nem um pouco assustador e muito seguro... essa é a melhor viagem de ônibus que já fiz. — Enfatizo a mentira erguendo os dois polegares. — Mas a ponte vermelha de Ponte Vermelha é... bom, amarela.

Ela não esboça nenhuma reação. Nem se incomoda em olhar para a ponte *amarela* à qual me refiro. Em vez disso, continua parada, perfurando meu crânio com seus olhos enrugados e cheios de pés de galinha. Acho que essa é a maneira silenciosa e universal de ela dizer “saia já da droga do meu ônibus”.

Mas como é de se suspeitar, Ponte Vermelha sempre teve uma ponte *vermelha*. Durante os primeiros seis anos de vida que passei nesta cidadezinha pacata de Vermont e, de novo, quando voltei cinco anos atrás para o funeral da minha avó — sempre vermelha.

Enquanto a motorista me encara, supero a minha crise de realidade e me apresso a percorrer o resto do corredor com cuidado, mas o mais rápido possível. Porém, vou de cautelosa a desastrada e, antes que eu perceba, passo com a mala sobre os sapatos de três pessoas e dou uma cotovelada na nuca de outras duas.

A cada pancada, recebo mais olhares.

— Desculpa! Peço *mil* desculpas — murmuro depressa para o máximo de pessoas possível, mas a única solução real é sair deste maldito ônibus, mesmo que não seja o ponto certo.

Quando finalmente chego à saída, dou um puxão na mala atrás de mim, e ela desce os quatro degraus largos quicando para todos os lados. Cada vez que as rodinhas encontram o metal, um estrondo doloroso ecoa nos meus ouvidos.

Eu me encolho. Esse com certeza *não* é o tipo de cuidado que a minha melhor amiga Lillian imaginou que eu teria quando me emprestou sua mala favorita da Louis Vuitton. E duvido muito que o próprio Louis esperava que seus artigos de luxo sofressem tal trauma. A pobre mala da Lil provavelmente vai precisar de terapia depois desta viagem.

Depois de sair pela porta do ônibus, paro a fim de me localizar, mas a Helga Malvada do Reino de Greyhound cansou de esperar. Com uma nuvem de poeira e terra e o barulho gritante do motor, o ônibus vai embora, me deixando para trás no turbilhão de seu rastro caótico.

Em um piscar de olhos, estou sozinha — algo que não acontecia há *anos*. E estou no meio do nada.

Olho para todas as árvores e para a ponte com a cor totalmente errada.

*Aqui tem que ser Ponte Vermelha... certo?*

Tiro o meu celular da bolsa, torcendo para conseguir confirmar com o Google Maps, mas estou sem sinal. Minha operadora de celular sem dúvidas não viu razão para funcionar por estas bandas, porque... *ninguém* mora por aqui.

Já faz um tempo que estive na cidade e minhas lembranças são vagas, mas a ponte me parece familiar, mesmo que não esteja pintada com a cor certa. E se eu semicerrar os olhos, juro que consigo ver uma placa pequena ao lado, que *acho* que diz *Ponte Vermelha*.

Sem ter outra opção, arrasto a mala atrás de mim e sigo na direção do farol que é a ponte amarela distante. A terra seca se ergue a cada passo que dou e, quando chego à ponte, minhas botas pretas parecem marrons e minha calça jeans está pensando em se aposentar em uma fazenda no Utah.

Na verdade, a calça e as botas pretas também são da Lillian, mas esse é um problema para outro dia. Neste momento, a placa da cidade faz a minha mente viajar direto para vinte anos atrás.

**Seja Bem-Vindo à Ponte Vermelha**, anuncia a placa, em letras grandes e vermelhas. **A menor cidade de Vermont: onde todo mundo é alguém e o seu lar é bem aqui.**

Logo depois que meu pai faleceu — após ter lutado durante um ano contra um câncer cerebral agressivo —, minha mãe decidiu que iríamos nos mudar desta cidadezinha e começar uma vida nova em Nova York. Aquela placa foi a última coisa que vi no dia em que fomos embora. Naquela época, eu mal conseguia ler sozinha, mas ainda consigo ouvir minha irmã mais velha, Josie, com 12 anos, lendo a placa em voz alta enquanto chorava.

Minha avó, Rose, não ficou feliz com a nossa partida, mas Eleanor Ellis, minha mãe, sempre foi uma mulher determinada.